



## ENTREVISTA A DANILO NOGUEIRA, TRADUTOR

ANA JULIA PERROTTI-GARCIA

Tradutora, Prof. Universitária e Terminóloga, Brasil

Danilo Nogueira é tradutor profissional desde 1970, especializado em Finanças e áreas conexas. Participou de eventos profissionais no Brasil, EUA, Argentina e Portugal, sempre a convite. Tem dois glossários especializados publicados, *Vocabulário para Balanços e Relatórios Anuais* e *Vocabulário para Direito Societário - Português / Inglês*.

**(CONFLUÊNCIAS)** Caro Danilo, há quanto tempo você trabalha com tradução? Que áreas prefere?

**(Danilo Nogueira)** Desde 1970, pelo menos 90 % do dinheiro que entra na casa vem da tradução. No início, dei algumas aulas de português para estrangeiros. Há sempre os meus cursos para tradutores, os pífios direitos autorais dos glossários, a Vera deu algumas aulas de inglês, coisas assim. Mas o que garante o pão é mesmo traduzir e, cada vez mais, o revisar traduções alheias.

Estou muito satisfeito com as traduções de Finanças. Gostaria também de traduzir História e qualquer coisa sobre música clássica, mas não parece que vá ter a oportunidade. Entretanto, preferir, não prefiro nada. Traduzo o que traduzo porque me pedem, porque gostam do que fiz, porque fiz fama de tradutor na área, porque gosto de traduzir o que quer que seja. Fosse Medicina ou Filosofia, traduziria com o mesmo gosto, embora, depois de tanto traduzir Finanças e afins, minha tradução em outras áreas seria certamente de nível inferior. Mas não se engane: não sou um financista que traduz, sou um tradutor que enveredou pelas Finanças. O que sei de Finanças, aprendi traduzindo. A Vera foi se acostumando também, e acho que até esqueceu a carreira acadêmica na área de Literatura que tinha em vista quando começamos a traduzir.

Comecei como tradutor interno da Arthur Andersen, na época uma famosa e poderosa firma de auditoria. Esse começo marcou minha vida, porque o *ex-tradutor da Arthur Andersen* é aquela pessoa que você só convoca para traduzir Finanças, Contabilidade e quejandos. Fiz uma que outra coisa em outras áreas, mas o fato é que as traduções nessas áreas foram mais bem-sucedidas e são esses os clientes que voltam. Fechou a firma, ficamos nós.

dava aulas de inglês e um cliente telefonou para a escola em que eu trabalhava, querendo saber se havia alguém disposto a fazer umas traduções. Fui eu o escolhido. Fui ver o que era, gostei, gostaram, veio o convite para ser funcionário da firma, aceitei.

Você escolheu a tradução, ou foi ela que o escolheu?

Sempre fiz uma que outra tradução esporádica. Aos 27 anos, em 1970, depois de uns quantos tropeções na vida, dava aulas de inglês e um cliente telefonou para a escola em que eu trabalhava, querendo saber se havia alguém disposto a fazer umas traduções. Fui eu o escolhido. Fui ver o que era, gostei, gostaram, veio o convite para ser funcionário da firma, aceitei. Saí depois de oito meses e comecei a trabalhar por conta própria, logo com a Vera ao lado. O desenrolar de nossa vida nos mostrou que foi uma excelente decisão.

Você sempre reflete muito sobre tudo que o acontece. Poderia dividir conosco um pouco dessas reflexões? O mercado de trabalho, por exemplo, é o mesmo de quando começou na profissão?

Em 1970, o mercado era basicamente editorial. Fora dos livros e das traduções juramentadas, havia muito pouco e, lá para 1975 ou pouco depois, em uma reunião da Associação Brasileira dos Tradutores, foi difícil convencer os outros filiados à associação de que eu vivia de traduzir. Todos tinham a tradução, na melhor das hipóteses, como um extra, como fonte de renda secundária. Senhores aposentados, senhoras cultas que não se sentiam bem como professoras, coisas assim. Mas profissionais realmente havia poucos, muito poucos, salvo entre os juramentados.

Havia, basicamente, dois tipos de tradutor: os conservadores e os inovadores. Inovador era quem usava máquina de escrever. Era um mercado decididamente local. Fora do eixo Rio-São Paulo, praticamente não existia tradução. Houve algum movimento em Porto Alegre, lá pelo terceiro quartel do século XX, mas foi praticamente só.

Ao que atribui essas mudanças?

Entre a situação que encontrei e a de hoje estão os computadores, a *Internet* e a globalização. Quando comecei, o limite da minha clientela era São Paulo, o limite do meu conhecimento era a minha biblioteca particular e passaram-se anos antes de conhecer um colega. Hoje, tenho clientes em meia dúzia de países, colegas em mais de cinquenta e a *Internet* por biblioteca. Quando comecei, datilografava traduções que alguém depois «linotipava». Hoje, faço desde os óbvios documentos em *Word* até coisas em formatos estranhíssimos, que a ninguém teriam ocorrido há dois anos. O tradutor de hoje, além de conhecer línguas e mil truques de tradução, ainda tem que dar conta da informática.

E foram mudanças benéficas ou prejudiciais?

**Quem faz a oportunidade somos nós. (...) Aqui, procuram-se e criam-se oportunidades e soluções. As mudanças são bem-vindas: forçam-nos a estudar e pesquisar, para não criar teias de aranha na mente. Não tenho saudade alguma dos «bons tempos».**

Quem faz a oportunidade somos nós. Irritam-me sobremaneira os chorões compulsivos, gente que reclama em tempo integral. Aqui, procuram-se e criam-se oportunidades e soluções. As mudanças são bem-vindas: forçam-nos a estudar e pesquisar, para não criar teias de aranha na mente. Não tenho saudade alguma dos «bons tempos». Para choradeira, sempre haverá tempo amanhã.

Muitos o chamam de «mestre», por sua sapiência e grande conhecimento. Qual seria a «receita» para ter tanto reconhecimento por parte de colegas e clientes?

Quando me chamam «mestre», sinto-me como o anãozinho de Branca de Neve, encabeçando a fila que volta da mina cantando «eu vou, eu vou, para casa agora eu vou» (Como terá tudo isso ficado em Portugal?). Não começou por alguma sabença maior que eu tenha. Como sou dos mais velhos, alguns colegas mais novos não sabiam se me chamavam «você» ou «o senhor». Assim nasceu o «mestre» e assim me tratam, inclusive, colegas que considero meus mestres.

O tal do «reconhecimento» se deve principalmente ao fato de que, tendo pouca vida social e ficando o dia inteiro com o computador à frente, fico ao corrente de muita coisa e escrevo muito. Não me considero sequer um grande tradutor. Competente, sim. Porém nada de excepcional. Muitas das coisas boas que escrevi não seriam tão boas assim se a Vera não as tivesse escoimado dos meus erros. O fato é que ela detesta aparecer, não gosta de falar em público e nega-se a participar de listas de discussão sobre tradução e, por isso, só apareço eu.

Não sendo nada modesto, acho que posso dizer que minha maior virtude é a busca da coerência e do equilíbrio. Não é pouca coisa para um sujeito como eu, encrenqueiro de nascença, criado num bairro de São Paulo onde a discussão contínua era a atividade predileta.

Como é trabalhar com tradução em uma época onde há tantas discrepâncias tecnológicas? (clientes exigindo o uso de *CATs*, e outros que nem sabem que tradutor sabe usar computador). Afinal, as ferramentas de tradução ajudam ou atrapalham, são nossas aliadas ou algozes? Somos escravos ou senhores?

Há que distinguir entre *CAT*, que podemos chamar «tradução assistida por computador» e *MT*, a «tradução automatizada». A primeira, à qual pouca atenção devotam os teóricos da tradução, é usada por um número cada vez maior de profissionais e, pelo menos no Brasil, está começando a ganhar adeptos até entre os que se devotam profissionalmente à tradução das *belles lettres*. A tradução automatizada, que tantos estudos tem merecido da Academia, até agora não disse realmente a que veio. Dizem os que sabem das coisas que está para sair um programa de tradução automática que vai acabar com a raça dos tradutores. Devem ter suas razões, porque dizem isso há uns bons cinquenta anos. Não duvido que venha a sair algum dia. Quando sair, vou virar revisor – se ainda estiver por aqui.

*CAT* é outra coisa. Sempre digo que trabalhar sem *CAT*, quando se dispõe da ferramenta, é como apertar parafuso com faca de cozinha. Possível, mas pouco recomendável. Aqui em casa, tudo se traduz a força de ferramentas informatizadas, quer o cliente peça ou não. Nenhum cliente jamais me impôs o uso dessas coisas. Uso porque gosto, porque acho que me ajuda a melhorar a qualidade e aumentar a quantidade de minha produção. Já me impuseram o uso de determinada ferramenta quando eu queria usar outra, isso sim. Um cliente que me mandou uma memória de *Trados* que não pude exportar para usar com outra ferramenta, porque era protegida por senha. Não tive saída: era usar *Trados* ou recusar o serviço. Por mim, teria usado *Wordfast*.

Há que reconhecer que a faceta operacional da tradução mudou, mas acho cada vez mais agradável o traduzir. Minha memória de tradução é um belo *corpus* bilingüe, que pesquise à vontade e que contém uma enorme quantidade de coisas que passaram aqui por casa nos últimos anos, além de me prestar outros serviços e favores de não pouca monta.

Fale um pouco de sua experiência com clientes do Brasil: quais são as diferenças básicas entre trabalhar para clientes de seu próprio país ou de outros lugares?

Na Europa e EUA, só se aceita que eu traduza para minha língua nativa, sob a alegação de que somente escrevemos bem nossa língua materna. Nos Brasil, querem que eu traduza para o inglês sob a alegação de que há que ser brasileiro para entender o engrimanço dos advogados brasileiros e explicar tudo direitinho em inglês que se entenda. Ambos têm sua parcela de razão.

Na Europa, alguns clientes mandam os meus textos para um revisor português, com resultados assustadores, e devolvem os textos admirados com a quantidade de alterações do revisor. Então, é explicar que, se queriam algo aceitável em Portugal, deveriam contratar um tradutor português.

Aqui, se paga geralmente por lauda, quer dizer, com base no texto traduzido; nos EUA e na Europa, geralmente se paga com base no texto original. Em outras palavras, quando recebo serviço de fora, antes de começar já sei quanto vou receber. Aqui, só se sabe no fim do trabalho. A coisa complica, entre outras razões, porque cada tradutor e cada cliente tem lá sua definição de lauda e muito sangue já correu em razão de diferenças de contagem de laudas.

Alguns de meus clientes fora do Brasil são extremamente exigentes e competentes, com uma estrutura de três níveis, onde um traduz, outro revisa o original e um terceiro revisa a prova final, formatada em formato *.PDF*. Desconheço quem seja tão estrito no Brasil.

Na Europa, alguns clientes mandam os meus textos para um revisor português, com resultados assustadores, e devolvem os textos admirados com a quantidade de alterações do revisor. Então, é explicar que, se queriam algo aceitável em Portugal, deveriam contratar um tradutor português.

Muitos conhecem e elogiam bastante seus Vocabulários (Direito Societário e Balanços). Já tem planos para novos livros? Poderia falar um pouco mais sobre eles, ou ainda são «segredos de Estado»?

Estamos, a Vera e eu, preparando algo de muito especial, mas isto é ainda segredo de Estado.

Os dois glossários foram preparados para os colegas. Vendem pouco, porque são para um público especializado, mas vendem bem mais do que esperávamos. Fazem parte de uma campanha interna, aqui da casa, chamada *say no to tupiniquinglish*. *Tupiniquim*, para quem não saiba, é uma tribo indígena cujo nome se usa no Brasil para denotar o que há de cômico na personalidade nacional. *Tupiniquinglish* é inglês à moda tupiniquim. Há coisas que se escrevem aqui em inglês, às vezes pela mão dos *natives* contaminados pelo português, que são realmente muito divertidas. Não me peçam exemplos agora, não quero ferir suscetibilidades.

Para os glossários, procuramos uma terminologia mais autêntica, pinçada da lei americana ou de demonstrações financeiras de empresas americanas. Parece que tivemos algum sucesso. Pelo menos nos EUA, os dois livrinhos foram considerados bons e pouco reclamaram do nosso inglês.

Trabalho de glossografia (acho lexicografia muito pretensioso para o que fazemos) é um trabalho de coleta. Coleta exige paciência e humildade, exige partir do pressuposto de que não sabemos, de que é necessário procurar o termo desejado em um texto autêntico, quer dizer, escrito por um nativo não contaminado por língua estrangeira. Fazer a colação de textos que dizem coisas semelhantes para pinçar os termos correspondentes exige paciência oriental. Alternar leituras em português e inglês de

coisas distintas, a ver se topamos com um bom par de termos de sentido correspondente é uma tarefa a que poucos estão dispostos. É mais fácil inventar alguma coisa, dar como certa e dar-se por ofendido quando alguém contesta.

Ao ver os dois glossários na rua, fiquei todo pimpão, mas com o tempo, fui ficando cada vez mais irritado com as falhas de ambos. Está saindo uma nova edição do *Direito Societário*, atualizada para refletir o novo código civil brasileiro, muito melhor, mais profissional, com mais substância e com forte colaboração da Vera, que finalmente consegui atrair para estas lides. A ver o que dizem.

Agora, a pergunta que todos gostariam de fazer, mas não têm coragem (ou oportunidade) de fazer. Dizem que, por trás de todo grande homem, há sempre uma grande mulher. Pois bem, trabalhar o dia todo ao lado da esposa, com quem se está casado há tanto tempo, é parte do sucesso ou não?

Difícil dizer o que seria minha vida se não tivesse casado com a Vera. Não digo que tenha sido fácil: tivemos lá nossas procelas conjugais. Mas sempre investimos muito no próprio casamento. Trabalhar com a esposa não tem nada de complicado: o diabo é sair à noite com a sócia. Não é fácil descansar, mesmo quando se está em viagem de férias. Nós dois somos do tipo «caseiro», borralheiros até, e os nossos passeios são mínimos. Aos poucos, nossos gostos foram convergindo. Mas a Vera tem um gênio totalmente distinto do meu: habilidosa, é ela quem executa tarefas complicadas, como trocar lâmpadas, sem contar que é ela quem dirige o carro e cuida dos dinheiros da casa. Detesta falar em público e prefere falar ao telefone. Não é tão boa tradutora quanto eu, mas é capaz de achar erros ocultos nos textos aparentemente mais perfeitos, gralhas que eu jamais teria notado. Assim, um completa e complementa o outro.

Se tivesse que recomeçar sua vida profissional, faria tudo igual ou mudaria algo? Seria tradutor ou tentaria a vida como crítico de música clássica?

Estou bem como tradutor, não acho que me sentiria melhor fazendo outra coisa. Dou cursos e faço palestras com grande satisfação, sempre que a oportunidade se apresenta, e me divirto à grande falando em público. Mas é sobre tradução e coisas parelhas: não tenho gana de falar sobre nada mais. Talvez um pouquinho sobre música.

Se pudesse fazer algo diferente, ah, se pudesse, se tivesse de novo vinte anos, se soubesse então o que sei agora... teria dado mais atenção a meu curso de datilografia e aprendido a escrever com os dez dedos.

Danilo, agradeço em nome de nossos leitores, do mundo todo, por ter compartilhado conosco um pouquinho do muito que povoa sua mente tão brilhante!

A satisfação é minha. ■